

# O TERRITÓRIO VIVO DA BEIRA DE ABAETETUBA (PARÁ, BRASIL)<sup>1</sup>

Francisauro Fernandes da Costa<sup>2</sup>

Eliana Campos Pojo Toutongne<sup>3</sup>

## Resumo

Este artigo explora a intrincada trama de relações tecidas na feira/beira do município de Abaetetuba-PA, cujo enfoque perpassa pelos conceitos de território e cotidiano que são extremamente relevantes para a compreensão das diferentes configurações socioculturais e territoriais presentes naquele espaço e lugar. O estudo pauta-se na abordagem qualitativa de pesquisa, tendo como instrumento e técnica de coleta de dados a entrevista semiestruturada e a observação in lócus; bem como referenciando nos seguintes autores: Castro (1998), Godoi (2014), Pojo (2017), e outros. Como resultados, apontamos que o cotidiano da feira/beira apresenta um território vivo, com relações interpessoais em que a função social exercida é de cunho sociocultural na medida que situa diversas mudanças cotidianas no ambiente<sup>4</sup>, na comercialização e nas interações que se processam naquele espaço.

**Palavras-chave:** Territorialidade. Cotidiano. Feira/Beira de Abaetetuba.

---

<sup>1</sup> Artigo situado a partir de discussões e pesquisas promovidas pelo Grupo de Pesquisa e Extensão *de Bubúia* Amazônica - Infâncias, Territórios Rurais e Processos Educativos e Culturais (CNPq/2018).

<sup>2</sup> Mestrando pelo Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [francisaurocosta@gmail.com](mailto:francisaurocosta@gmail.com)

<sup>3</sup> Pedagoga. Doutora em Ciências Sociais. Professora da Faculdade de Educação e Ciências Sociais (FAECS) da Universidade Federal do Pará (UFPA), Campus de Abaetetuba-Pa. E-mail: [elianapojo@ufpa.br](mailto:elianapojo@ufpa.br)

<sup>4</sup> Nos referimos ao espaço da feira/beira de Abaetetuba.

## 1. INTRODUÇÃO

Lançar um olhar investigativo sobre o cotidiano da feira/beira possibilita-nos a construção de um olhar diferente e ampliado sobre tal objeto, o qual, a grosso modo, ainda é visto por muitos sujeitos como algo natural, comum, efêmero, rotineiro, banal, onde nada se transforma, mas ao contrário, trata-se de um território que manifesta múltiplas realidades, constituído de diversos significados socioculturais e em constante movimento de reconstrução de suas práticas sociais e aprendizagens pelos sujeitos. Com isso, defendemos a ideia de pensar o cotidiano da feira/beira como o lugar de produção de saberes fruto da experiência vivenciada; lugar do “saber-fazer”.

O termo “saber-fazer”, segundo o antropólogo Brandão diz respeito ao “saber do ofício” de “agentes populares de trabalho simbólico” (Brandão 2009:13). Assim, o estudo pauta os processos interativos e sociais que se constituem de práticas educativas e estão para além da formalização ensino-escola. Ainda, sobre esse enfoque, a dimensão dos processos culturais em modos de produzir, se faz relevante no debate sobre a feira/beira, pois pela prática cotidiana eles “[...] estabelecem as regras e os processos de reprodução de valores e conhecimentos que dizem o que são, entre quem se repartem, a quem servem e como devem ser realizados a vida e seus trabalhos (Brandão 2009:33).

A feira/beira de Abaetetuba é múltipla em significados e produções. Ela situa-se num entre lugar - beira do rio e rua - cujo ambiente é dinâmico e complexo à medida que se constitui como espaço de socialização e apreciação cultural; sua dinamicidade perpassa aspectos de consumo, de produção diversa, de trânsito por diferentes sujeitos oriundos dos grupos sociais (quilombolas, assentados-ribeirinhos), de abaetetubenses e pessoas de fora. Ou seja, naquele espaço se processa um conjunto de acontecimentos, de relações, de economia e, tal significação nos instiga a problematizar sobre esse modo de vida, fração da dinâmica societária local.

Na representação das pessoas que a frequentam e os que convivem naquele espaço ela assume o duplo sentido, feira/beira, que pode ser pensado como expressão e síntese da trama de relações que pretendemos examinar neste artigo. É importante frisar que o conceito

de espaço que estamos utilizando advém dos pressupostos epistemológicos da geografia, compreendido como um “espaço físico”, um “espaço social”, um “espaço produzido” (Paganelli 1982:13). No caso, a feira/beira é um espaço “onde muitas histórias se passam, onde muita gente é feliz, onde as relações são construídas cotidianamente entre cheiros, sabores, cores, paisagens, rostos, conflitos e uma diversidade de tudo, ou quase tudo” (Barros 2009). Logo, segundo o autor, a feira/beira “constitui-se, sem sombra de dúvidas, num importante espaço de produção da vida, do trabalho e da cultura local” (Barros 153:160 - 161).

Nesse sentido, as reflexões aqui apresentadas são baseadas nas experiências de frequentarmos a feira/beira, de um ligeiro diálogo e interação com os sujeitos que lá trabalham, buscando captar o movimento interativo e social da vida cotidiana que se passa naquele ambiente, o qual se encontra imbricado de significados socioculturais e que é parte substancial na economia local. Busca-se, assim, pormenorizar as tramas sociais que configuram uma dada territorialidade manifesta na feira/beira do município de Abaetetuba-PA, enfatizando os conceitos de território e cotidiano que são extremamente relevantes para a compreensão das diferentes referências socioculturais e territoriais explícitas nela, uma vez que esse espaço possui uma configuração multifacetada, ou seja, ali são produzidas relações sociais, paisagísticas e de economia local.

Com base nas vozes locais, nos propomos responder à seguinte questão: como se dão os processos educativos e territoriais presentes na feira/beira de Abaetetuba? O estudo (em andamento) sobre as interações e produções da feira/beira por sujeitos abaetetubenses encontra-se situado na abordagem qualitativa de pesquisa por esta lidar “com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes” (Minayo 2015:21).



Neste artigo, nos atemos ao modo de circulação de pessoas, coisas e símbolos que marcam a paisagem<sup>5</sup> da feira/beira, às interações entre trabalhadores, visitantes e cidadãos frequentadores dela e à circulação de produtos e de relações comerciais para além do caráter usual de produção e comercialização de bens e serviços.

## 2. TERRITORIALIDADE, ESCUTA E PRODUÇÃO DE VIDA

Inicialmente o processo de escuta se deu por meio de algumas visitas ao local buscando captar o movimento da feira, além de nos utilizarmos de observações no lócus durante uma semana no horário comercial, também realizamos entrevistas (semiestruturada) com pessoas que convivem na feira rotineiramente, sendo eles: dois marreteiros<sup>6</sup> e dois comerciantes, ambos residentes às proximidades do local. Cabe enfatizar que os participantes se mostraram receptivos e ficaram à vontade para falar sobre seu trabalho e os diversos aspectos da feira, contribuindo significativamente para a pesquisa. O ligeiro trabalho de campo ocorreu no mês de novembro de 2018, em que as observações foram registradas e, posteriormente, organizadas para compor a produção textual.

Na ótica dos sujeitos entrevistados foi possível perceber que o território da feira/beira se apresenta de modo dinâmico, cuja territorialidade se expressa frente a um processo de produção de vida, de cultura<sup>7</sup> e de saberes que estão interligados pela relação de trabalho e sociabilidade<sup>8</sup> que ali se desenvolve.

Eu moro aqui na feira, entendeste. Não só trabalho. Já faz mais de 30 anos que eu moro aqui [...]. Pra minha vida a feira significa tudo, porque eu vivi aqui no meio da feira desde criança, criei meus filhos, então pra mim ela é tudo. [...] eu gosto, daqui da feira. Pra mim já é mais fácil porque

---

<sup>5</sup> “a paisagem não seria a simples junção de elementos geográficos..., mas a combinação dinâmica, estável, dos elementos físicos, biológicos e antrópicos, porque a paisagem não é apenas natural, mas é total, com todas as implicações da participação humana”, segundo Georges Bertrand (1971 apud Maximiano 2004:88).

<sup>6</sup> São trabalhadores que comercializam, produtos alimentícios, tais como açaí, farinha, carvão etc.

<sup>7</sup> Empregamos o conceito de cultura como proposto por Geertz em “A Interpretação das Culturas”.

<sup>8</sup> Emprega-se o termo em sentido proposto por Nora e Zanini (2015:136) como sendo “uma rede de sociabilidade tecida entre feirantes e fregueses. Além dos produtos comercializam saberes e fazeres, uma vez que o econômico e o social se complementam e se ligam às histórias de vida dos personagens que compõem esse cenário”.

está tudo perto de mim. Eu não preciso fazer nada assim de... comprar para estocar. Então a feira me proporciona isso; eu tenho todo dia tudo fresquinho na mão. Eu compro meu açaí, compro minha farinha, minha fruta, minha verdura, tudo novinho. Porque todo dia eu desço e já está tudo na mão. Por isso, a feira nessa parte é boa pra mim (Maria, comerciante, 2018).

Os termos ora utilizados - território e territorialidade - são comumente expostos dentro de uma perspectiva que os caracterizam como sinônimos, embora não sejam. Para Castro (1998:5) “território é o espaço sobre o qual um certo grupo garante aos seus membros direitos estáveis de acesso, de uso e de controle sobre os recursos e sua disponibilidade no tempo”, o que significa afirmar que o conceito de território está associado ao espaço físico e habitado, a uma geografia local e em movimento de determinado lugar quase sempre constituído por “uma relação entre as pessoas e refere-se à organização do espaço carregada de história” (Godoi 2014:3).

Nesse sentido, o território da feira/beira de Abaetetuba possui uma geografia própria que se encontra sobreposta entre o espaço urbano (a rua) e a água que conforma o rio Maratauíra, cuja mobilidade faz fluir transações comerciais de gente e de relações. Nessa dinâmica espacial da feira/beira, mostram-se inseparáveis a circulação campo-cidade ou rural-urbano, pois se dinamizam reciprocamente em suas diferenças e práticas à medida que coloca em evidência a produção sociocultural de agricultores-camponeses e de cidadãos em produtores da feira/beira, tendo como efeito uma circularidade educativa, com suas histórias, produtos e interações.

“O termo territorialidade é plural, uma vez que se reporta a processos de construção de territórios, isto é, de apropriação, controle, usos e atribuições de significados [...] sobre uma parcela do espaço que é transformada em território” (Godoi 2014:9). Logo, compreendemos que a territorialidade está intrinsecamente relacionada ao campo das práticas sociais, de aspectos simbólicos instituídos e instituintes que ocorrem concomitante ao



movimento produtivo das pessoas bem como das formas geradoras de uma paisagem. Vejamos por uma imagem a territorialidade da feira/beira de Abaetetuba:

Figura 1 – Imagem da Beira Foto: Eliana Pojo (2018).



As docentes da Universidade Federal do Pará (UFPA) Edna Castro e Rosa Acevedo Marin sinalizam sobre o tema em pesquisas realizadas em contextos rurais da Amazônia paraense. Elas discorrem sobre a ideia de territorialidade afirmando dinamizar “[...] as práticas cotidianas, na perseguição de estratégias de vida e de trabalho, na execução de ações que são criadoras de existência material e social” (Castro & Marin 1998:39).

Com base nesses referenciais e, levando em conta as especificidades territoriais e sociais, observa-se que a territorialidade da feira/beira se apresenta de maneira dinâmica pelo fato dela situar-se em uma localização estratégica (à beira do rio), circunscrevendo o ir e vir das pessoas pelas ruas no embarque e desembarque das embarcações<sup>9</sup>, da circulação de pessoas oriundas de várias localidades do município e de outros próximos, as quais vêm vender ou comprar produtos, entre tantos outros afazeres e necessidades.

---

<sup>9</sup> Trata-se das rabetas, rabudos, canoas, cascos e voadeiras utilizadas pelos moradores dentro e nos arredores dos rios, furos e igarapés que banham as diversas ilhas habitadas e, utilizadas também no transcurso de suas localidades até a beira da cidade.

A feira/beira funciona diariamente durante o ano inteiro. Os trabalhadores chegam por volta das quatro e meia e/ou cinco horas da manhã, permanecendo até mais ou menos às treze horas da tarde. No dizer local de muitos trabalhadores, a feira assume o estar “ganhando a vida”. Nela, existe um comércio formal e informal<sup>10</sup>; também compõe a paisagem da feira, os vários estabelecimentos fixados próximos ao seu entorno como os mercados de peixe e de carne, onde são comercializados além das frutas, verduras e legumes; também estão disponíveis outros gêneros alimentícios e lanches, as lojas, as farmácias, os supermercados, restaurantes, bancos, vendedores ambulantes, entre outros (Barros 2009).

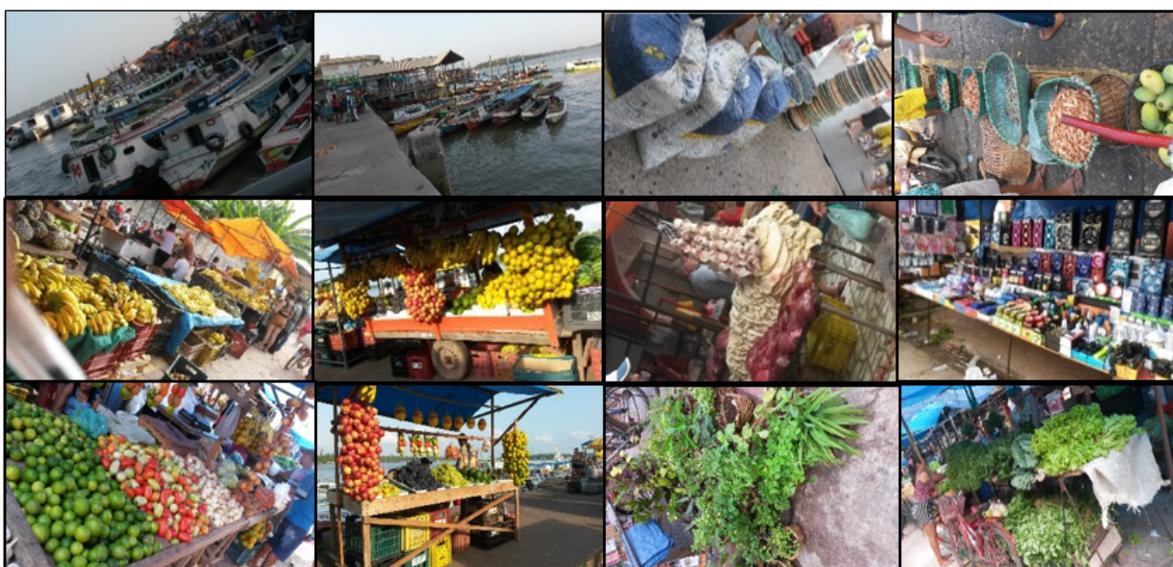


Figura 2 – Composição de imagens da feira/beira de Abaetetuba Fotos: Francinaldo Costa 2018.

Nesse território dinâmico encontra-se uma variedade de produtos oriundos da biodiversidade amazônica, que agricultores de contextos rurais trazem seus produtos das roças e demais plantios, da pesca e do extrativismo como o açaí, enquanto outras pessoas circulam na feira em busca de produtos para revender ou para o consumo. Sem contar a variedade de produtos importados presentes na feira. Naquele espaço, a organização das bancas é feita por tipo de produto, ou seja, existem os setores das carnes, incluindo as carnes

<sup>10</sup> Para compreensão dos termos ver: Araújo et al. Análise do comércio formal e informal na Praia de Boa Viagem, Recife, Pernambuco, Brasil.

de caça e pescado; das farinhas, das frutas e das verduras, do camarão, das roupas e dos calçados e, ainda existem as bancas improvisadas que são feitas com um tijolo, uma caixinha, uma pequena mesa, uma caixa de papelão, as quais ficam no meio da rua, entre as demais bancas (Barros 2009).

Levando em consideração o movimento da feira/beira de fluxo contínuo de gente, de negociações de produtos, de uma produção artesanal e tecnológica, de circulação de mercadorias e valores, de interações e relações que se processam cotidianamente, podemos dizer que a “territorialidade recobre as dimensões sociais, simbólicas e físicas e seu caráter é processual” (Godói 2014:10), sendo possível observar na feira/beira, pelo menos quatro aspectos que passamos a destacar:

- Rede de interações - ali se processa uma rica linguagem local, alicerçada na luta pelo território no que diz respeito a conquista e disputa por clientes para comprarem determinados produtos, por uma sociabilidade que se instaura naquele cotidiano que buscam enfatizar processos de evangelização, de relações interpessoais e amorosas, de situações de conflitos entre pessoas (brigas, roubos, uso de drogas, preconceitos, discriminações);
- Geradora de subsistência - a feira é geradora de uma economia local, empurrada enormemente pela produção dos agricultores que vem em sua maioria, de territórios situados nos rios das ilhas, trazidas pelos povos das águas. E, esse povo vende seus produtos e compram outros que lhe faltam em sua necessidade. Assim, trata-se de uma economia que abrange as pessoas que chegam e os que estão no lugar; povo rural, da cidade e de outro lugar.
- Dinamização política - trata-se da atuação dos próprios feirantes como sujeitos que dão vida ao lugar e ao espaço da feira. Por outro lado, nesse fazer político com ricos saberes, opiniões e produções, o próprio poder local direta ou indiretamente interfere na dinâmica daquele território. Por exemplo, atualmente estão sob o dilema da reforma da feira - passando por uma reestruturação paisagística e estrutural -, o que tem acarretado conflitos, disputas, divergências de opiniões por parte das pessoas e dos feirantes.
- Do ponto de vista cultural - a feira dinamiza uma forma de “política de prática” no sentido dado por Gusmão (2017:92), pois naquele lugar a cultura também é processo por ser dinamizadora de saberes, de interações e de sociabilidades. Mas que um evento folclorizado ou evento cultural, na feira/*beira* a “cultura” é viva, vivificada pelo cotidiano e expressão política dos próprios sujeitos que interagem através dos muitos e rotineiros encontros, posicionamentos e ações, de forma que enquanto

uma “política de prática”, a feira/*beira* configura-se num espaço dinamizador de diferentes aprendizagens a partir dos diversos saberes coletivos e individuais.

Assim, tais aspectos assinalados de alguma forma evidenciam o espaço como um território dinâmico, palco de múltiplas aprendizagens culturais e educativas, cuja construção se alimenta de uma prática cotidiana pelos diferentes sujeitos socioculturais, ou seja, de uma produção de vida que se passa naquele lugar. Tal produção se expressa indissociável das relações de trabalho que ocorrem nesse espaço; das interações interpessoais; dos saberes práticos que são passados entre as pessoas e de forma informal, pois diz respeito, segundo os entrevistados a “uma vida inteira”; onde “se aprende de tudo porque cada dia tem algo diferente. Cada dia é uma história e a gente vai se adaptando a tudo isso, às pessoas e as várias situações” e, ainda, “a feira é o lugar em que a gente está um com um outro fazendo novas amizades”. Tais observações e pequenos diálogos com os sujeitos que contribuíram conosco, nos possibilitou perceber que a vida se organiza mediante relações interfamiliares, por grupos familiares que desenvolvem atividades de modo integrado e responsável, demonstrando que há “uma integração entre a vida econômica e social do grupo, onde a produção faz parte da cadeia de sociabilidade e a ela é indissociavelmente ligada” (Castro 1998:5).

Nesses termos, ficou evidente que a produção de vida na feira/*beira* é gerada pela ação humanizadora estabelecida por meio da relação de trabalho e de processos educativos livres e informais, valendo-se da ideia de educação como uma prática social constituída por diversos significados socioculturais entre humanos.

### **3. SENTIDOS DO COTIDIANO E DA FEIRA/BEIRA**

Sabemos que o cotidiano está relacionado à vida ordinária, diz respeito à realidade social, cultural e política que nos cerca e, quase sempre tomamos o cotidiano de modo simples sem atribuir a devida importância e por ideias do senso comum. No entanto, uma das vertentes teóricas – a da História Cultural<sup>11</sup>, que enfatiza as macro-histórias, associa o conceito de cotidiano ao conceito de lugar, dado que no lugar é onde atuamos e compomos o enredo

---

<sup>11</sup> Souza Júnior, J. A. A “escola francesa” ou a “Escola dos Annales”.



da vida. Nas palavras de Cavalcanti (1998:89), seguindo os princípios da Geografia Humanística, o “lugar é o espaço que se torna familiar ao indivíduo, é o espaço do vivido, do experienciado”. A escolha dessa vertente é por considerarmos relevante para o estudo o fato de que “a vida de todos os dias não pode ser recusada ou negada como fonte de conhecimento e prática social” (Carvalho 1994:15), nos possibilita tecer uma problematização do espaço-lugar-território da feira/*beira*, dentro de um cotidiano como uma instância que possui dimensões culturais. É, a feira/*beira*, uma expressão viva de uma teia cultural que é construída e reconstruída socialmente por seus participantes diretos e indiretos.

Ao pensarmos a paisagem<sup>12</sup> e o espaço da feira/*beira* sedimentada por uma prática cotidiana e singular, não podemos compreendê-la como uma realidade efêmera em que nada acontece, ao contrário naquele território ocorre uma trama de relações e produções que nos faz pensar o cotidiano gerador de processos educativos e culturais, os quais os sujeitos tecem com suas mais variadas ações, posicionamentos e interações (Pojo 2017).

A partir dessa chave, e atentos às mediações simbólicas e estruturais do espaço, foi possível visualizar a feira/*beira* de Abaetetuba em um cotidiano rotineiro, diferente, vivo e produtivo, colocando-se como fonte permanente de investigação e estudo no sentido de melhor compreendê-la e retirá-la da obscuridade, ou seja, nos direcionou a pensar o cotidiano como um lugar de produção e reprodução de saberes e da vida, logo, lugar de sociabilidade, por isso também educativo por si só. Foi possível visualizar através do que se passa nela, um cotidiano carregado de sentidos culturais e de dimensões políticas, frente a uma dada realidade que se apresenta (Carvalho 1994).

A feira/*beira* sob a ótica dos seus participantes diretos (trabalhadores e usuários) pode ser expressa através de inúmeros sentidos dados à produção da vida, já que nesse território se passam situações, aprendizagens, saberes como já bem dissemos linhas atrás.

Além das pessoas, tem os produtos, muita variedade. Existe dois lados: coisas positivas e coisas negativas. O lado bom da feira é a parte do

---

<sup>12</sup> Tal vertente será bem mais aprofundada na continuidade do estudo.



comércio, a parte financeira, onde circula o dinheiro porque tudo que você traz, você vende. A parte negativa são as coisas que não são adequadas para o ambiente. Acontece em todos os lugares como a violência, o assalto, a roubalheira. Onde existe movimento de pessoas tem esses problemas (Manoel, comerciante, 2018).

A gente vê muitas coisas, boas e ruins. A gente vê a prostituição que tem muito de noite. Aqui ao lado da minha casa tá pra ficar uma ‘Cracolândia’. De noite é muita gente se prostituindo, fumando maconha, cheirando crack. [...] outro ponto negativo é o lixo. Os próprios feirantes deixam o lixo. [...] se todo mundo fosse consciente e cuidasse do seu lixo, a feira ficava limpinha. Mas não, todo mundo joga o lixo embaixo de sua baiuca e vai embora. [...] por outro lado, à feira é o local aonde muita gente vem tirar o seu sustento, aí é um ponto positivo, porque muita gente vem tirar seu pão de cada dia, faz sua venda, ganha seu dinheirinho aí é um ponto melhor, né (Maria, comerciante, 2018).

Muitas coisas boas e coisa ruim. Boa é a amizade um do outro. A gente tem muita amizade e vai sempre fazendo novas amizades. O lado negativo é a questão do desenvolvimento, a sujeira, o lixo, essa coisa toda, né [...] também aqui a gente aprende muita coisa. [...] uma eu acho que é sobre o saber vender, porque pra vender você tem que ter a prática de fazer a venda. [...] porque assim como eu não posso fazer o sustento da sua família hoje, mas amanhã eu posso fazer. [...] então saber vender, saber negociar é saber conversar com as pessoas, porque saber conversar você adquire muita amizade. E tendo muita amizade você vende seu produto muito melhor e mais rápido (Braz, marreteiro/freteiro, 2018).

E mesmo com todas as problemáticas levantadas, vimos que “[...] existe uma relação de pertencimento muito forte com a beira” (Barros 2009:156). Sobre isso, segue mais um depoimento sobre ela:



Sou comerciante, trabalho há uns 50 anos aqui na feira. É uma vida, é experiência, aprendizado, amizade, conhecimento, ela significa tudo. [...] A gente aprende muita coisa. Tem que saber lidar com tudo, se organizar, chamar atenção. E a gente mesmo faz a propaganda. No meu caso eu faço tudo. Eu faço a propaganda, eu atendo, faço à logística, reparo, tomo conta. Tem que ter um conhecimento de tudo e do ambiente local. Sei dar informação de qualquer coisa. Como moro há muito tempo aqui, então sei informar. Conheço todo o espaço (Manoel, comerciante, 2018).

Naquele espaço transitam discussões políticas, conflitos interpessoais, aprendizagens são construídas, a existência é vivida naquele cotidiano, renda e manutenção da vida são processadas. Assim, a feira/beira é um território que se encontra sendo construída e reconstruída cotidianamente entre suas cores, aromas e sabores, onde a expressão cultural pode ser vista como um processo social de aprendizagem que compreende a produção de bens materiais, simbólicos, serviços e interações.

## NOTAS FINAIS

Consideramos esta síntese incompleta, tendo muitas outras questões a serem aprofundadas em virtude da abrangência da temática que necessita ser problematizada em diferentes dimensões e sentidos. Mas, com base nos dados coletados e analisados preliminarmente, apontamos um cotidiano de feira/beira que se apresenta como um território vivo, recheado de “*fazeres saberes*”, de “política de prática”, de disputas no território enquanto um jeito de fazer a conquista dos clientes pela compra de determinados produtos. É visível naquele espaço um trançado de relações interpessoais fazendo-se assim uma complexa dinâmica sociocultural, a qual é parte da cultura e economia local construídas pelos sujeitos trabalhadores e pela vivacidade dada através da riqueza de serviços, linguagens e produtos oriundos da biodiversidade amazônica. No espaço, ocorrem permanentemente mudanças cotidianas no ambiente, nas práticas dos sujeitos e, um dos vieses é o caráter de uma territorialidade e temporalidade cujo ciclo das águas é o condutor principal.



Ao ouvirmos as vozes dos sujeitos entrevistados, assim como, por meio de experiências enquanto frequentadores da feira/beira, reiteramos que os processos educativos e territoriais resultam das múltiplas tramas de relações sociais vivenciadas naquele espaço. Nesse sentido, o ato educativo brota da prática cotidiana, de experiências vivenciadas coletivamente e das diversas aprendizagens mediadas por conexões comerciais e produtivas, todas essas vinculadas aos vários fazeres, saberes, costumes e modos de ser e agir dos muitos atores sociais que a frequentam aquele território, pois tudo isso caracteriza-se como processos e/ou formas de se educar, comunitariamente. Com isso, a feira/beira torna-se um território multicultural constituído por seus aspectos sociais, culturais, educacionais, políticos e é por meio de tais aspectos que se dão os processos educativos e territoriais desse espaço intercultural.

Há que se lembrar também, que das reconversões econômicas, socioculturais e educativas daquele espaço são sinalizadas pelo sentido campo-cidade e, tais polos, são geradores de um novo/outro ciclo produtivo, cultural e de relações recíprocas, com outras aparências e visões sobre o que denominamos de “cidades” e dos “rurais”.

## Referências

- Araújo, M. C. B de et al. 2012. *Análise do comércio formal e informal na Praia de Boa Viagem, Recife, Pernambuco, Brasil*. Revista da Gestão Costeira Integrada. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt>. Acessado em: 20 de nov. 2018.
- Barros, F. B. 2009. Sociabilidade, cultura e biodiversidade na Beira de Abaetetuba no Pará. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, v 45, n 2, mai/ago, pp. 152-161.
- Brandão, C. R. 2008. *Saber e aprender a saber na Cultura Popular o exemplo de foliões de Santos Reis e de Folgações do São Gonçalo*. Editora Santuário. Aparecida do Norte. p.1-33.
- Carvalho, M. do C. B. de. 1994. O conhecimento da vida cotidiana: base necessária à prática social. In: Carvalho, M. do C. B. de; Netto, J. P. *Cotidiano: conhecimento e crítica*. 3. Ed. São Paulo: Cortez.
- Castro, E. 2008. *Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais*. PAPERS DO NAEA, n. 092, Belém.

- Cavalcanti, L. de S. 1998. *Geografia, escola e construção de conhecimentos*. SP: Papirus.
- Godoi, E. P. 2014. Territorialidade: trajetória e usos do conceito. *Raízes*, v. 34, n. 2, jul-dez. p.1-33.
- Geertz, C. 2008. *A interpretação das Culturas*. LTC: Rio de Janeiro.
- Gusmão, N. M. M. de. 2017. Interculturalidade e Educação: diálogo e conflito na formação e prática docente. *Devir educação*, v.1, n.1, p. 75-96.
- Maximiano, L. A. 2004. Considerações sobre o conceito de Paisagem. *Revista Raega*, n.8, p. 83-91.
- Minayo, M. C. de S. 2015. O desafio da pesquisa social. in: Deslandes, S. F; Gomes, R.; Minayo, M. C. de S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Nora, F. D; Zanini, M. C. 2015. A feira como um espaço de sociabilidade. *Revista Retratos de Assentamentos*, v. 18, n. 1, p.135-154.
- Paganelli, T. I. 1982. *Para a construção do espaço geográfico na criança*. Fundação Getúlio Vargas/IESAE.
- Pojo, E. C. 2017. *Gapuiar de saberes e de processos educativos e identitários na comunidade do Rio Baixo Itacuruçá, Abaetetuba – PA*. Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: IFCH/UNICAMP. 243f.
- Souza Júnior, J. A. 1988. A “escola francesa” ou a “Escola dos Annales”. in: *Cadernos do Centro de Filosofia e Ciências Humanas*. Belém, (17): 66-88, jul. /set.; Vainfas, Ronaldo. 1997. História das Mentalidades e história cultural. In: Cardoso, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo. Domínios da história: Ensaios de teoria e metodologia. Rio: Editora Campus.

